



Miguel Pereira no Negócio questiona os objetos artísticos enquanto objetos de consumo

Ascensão e queda do incrível Michael Peartree Collective

Dança. O novo quase solo de Miguel Pereira é uma paródia ao estado das coisas, carregada das imagens de marca do coreógrafo. Para ver a partir de hoje no Negócio da Rua do Século

Ascensão e queda do incrível Michael Peartree Collective

Dança. O novo quase solo de Miguel Pereira é uma paródia ao estado das coisas, carregada das imagens de marca do coreógrafo. Para ver a partir de hoje no Negócio da Rua do Século

MARIA JOÃO GUARDÃO

Miguel Pereira tem andado a pensar em grande. Ou melhor, tem andado a pensar em termos espetaculares. “Já ando aqui há muito tempo e está na altura de dar um salto, fazer um *upgrade*”, diz a personagem Miguel Pereira, duplo em palco do coreógrafo e *performer* Miguel Pereira. Esse mesmo que sonhou que era um bailarino virtuoso a encher a plateia do mítico La Scala está em vias de celebrar as bodas de prata da sua carreira e quer desenhar uma nova estratégia mais consentânea com os tempos que correm, em que “o objecto artístico é um produto de consumo como outro qualquer, desenhado num esquema de produção bem oleado, eficaz” e em que um aniversário é sempre, e antes de mais, “uma questão de *marketing*”. Pretende por isso fazer “três ou quatro espetáculos por ano”, com cenários capazes de cavalgar questões pragmáticas e custos de deslocação, usar muita cor para “dar alegria” e servir os propósitos concetuais de quem pretende “a exaltação da felicidade”, e mesmo criar um projeto

que leve o seu nome além-fronteiras, porque “já está na altura de ter uma companhia, que diabo!” Será a “Michael Peartree Dance Company,” ou, melhor ainda, “um colectivo”, tão mais “capaz de agarrar os tempos modernos” e tão agradavelmente redutível a uma sigla que fica no ouvido: “MPDC, é isso mesmo!”

Chama-se *Peça para Negócio* o novo quase solo que Pereira estreia no espaço do Bairro Alto que a galeria ZDB abriu à *performance* – Negócio, justamente – e é uma paródia carregada das imagens de marca do autor (o parágrafo anterior é disso exemplo, citando o texto que Mi-

“Não me interessa estar a fazer um manifesto, mas acho urgente questionarmos a situação que andamos a viver artisticamente”

guel construiu para o palco). Autobiográfica q.b., ambígua o suficiente e sempre ironicamente crítica, a obra passa a pente fino o criador e as envolventes da criação, o público e a sua posição, o mercado artístico e as suas lógicas, o trabalho em construção.

“O tom é sempre cómico, a crítica ao sistema faz-se parodiando uma obra que quer muito inserir-se no mercado artístico e na sua lógica de venda. Não me interessa estar a fazer um manifesto, mas acho urgente questionarmos a situação que andamos a viver, artisticamente. Eu cresci a achar que a arte é o lugar da experimentação, do pensamento, do tempo, e não um sistema que funciona numa lógica de eficácia e produção contínua de produtos mais ou menos camuflados com mensagens de carácter político”, explica o coreógrafo.

Lembra Merce Cunningham ou Pina Bausch, nomes fundamentais da história da dança, cujos primeiros espetáculos foram vaiados por espectadores furiosos para sublinhar que “a arte é um espaço de ruptura e o objeto de arte não tem de ser imediatamente acessível” –

mas rapidamente extravasa o universo artístico para convocar o mundo onde grassam vários populismos. A obra de arte impõe quase sempre um curto-circuito à voragem do quotidiano, da pseudoinformação e do gosto comum que, agora mais do que nunca, nos faz falta.

Miguel Pereira – assistido em palco pelo técnico de luz José Alho – procede à revisão minuciosa dos vários formatos de uma peça “vendável”, entre o barulho das luzes e a leitura (real) de uma carreira alicerçada na pesquisa autobiográfica e na relação íntima com o espetáculo (principalmente a partir de Antonio Miguel, Prémio Revelação Ribeiro da Fonte 2000), com a possibilidade do fracasso sempre omnipresente. Resume o criador: “É uma peça sobre a promessa e o desencanto. Porque aquilo é sempre, obviamente, tudo envão”.

PEÇA PARA NEGÓCIO

de Miguel Pereira
Negócio ZDB – Rua do Século, 9
1 a 4 de fevereiro, 21.30
Bilhetes: 7,5 euros (estudantes, 5 euros)